

# IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO



**SEGUNDA-FEIRA**  
LÚCIA GUIMARÃES  
MATTHEW SHIRTS

**TERÇA-FEIRA**  
ARNALDO JABOR

**QUARTA-FEIRA**  
ROBERTO DAMATTA

**QUINTA-FEIRA**  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO

**SEXTA-FEIRA**  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOM

**SÁBADO**  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO TELLES

**DOMINGO**  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
DANIEL PIZA

## Scliar se foi numa madrugada

Elas partem. Vão embora confirmando a sensação de que a vida é uma coleção de perdas. Está certo que permanecem, pois deixam seus livros, portanto estaremos com eles até o dia em que também iremos. Mas gostamos deles nesta vida. Dos encontros, conversas, telefonemas, e-mails, viagens, jantares, visitas, feiras de livros, com suas graças e manias, ambições e sonhos, sucessos e fracassos, amores e desilusões, brigas e dissensões.

Escritores de minha geração, ou mais velhos, ou mais novos, todos próximos, a quem nos ligamos pela amizade e pelos livros. Partem. Um dia chega a notícia do carro de Osvaldo França Júnior despencando num despenhadeiro nas estradas de Minas. Outro foi João Antonio, tendo seu corpo descoberto em decomposição, morto há muitos dias em total isolamento. Vivia sozinho, nunca vi solidão maior. Hilda Hilst morreu aos poucos em sua chácara de Campinas, onde seguia ansiosa o relógio esperando chegar a hora em que o médico a tinha autorizado a beber um copo e sonhando com seus livros sendo vendidos,

bem vendidos. Roberto Drummond estava tão apavorado com o coração que se recusava a ir ao cardiologista. Morreu na véspera do jogo do Brasil com a Inglaterra. Juarez Barroso, cearense, que esteve ao meu lado na famosa noite de 1975 no Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro, quando se enfrentou a censura militar, partiu muito novo, devido a um aneurisma. Wander Pirolli, um dos mais modernos autores infantis, revolucionário com seu *O Menino e o Pinto do Menino*, teve um ataque cardíaco. Dorian Jorge Freire, rio-grandense do norte, de poucos livros e muitas crônicas, sujeito importante em minha vida, ao me orientar no jornalismo, nos últimos momentos, lá em Mossoró, escreveu seus textos com um único dedo, o indicador, o resto paralisado. O mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, fantástico, isolado em Corumbá, nunca teve a glória alta que merecia, melhor, muito melhor que dezenas de autores midiáticos. Também se foram Josué Guimarães, Ganymedes José, Torquato Neto, Maura Lopes Cançado, Osman Lins, Mora Fuentes, Julieta Godoy Ladeira, Marcos Rey, Fausto Wolf, Carlinhos de Oliveira, Elias José, Caio Fernando Abreu, Rober-

to Piva, Massao Ono. Sem esquecer Ricardo Ramos, dos melhores companheiro de viagens, cheio de humor, um aglutinador cuja obra precisa ser recuperada, contista que honrava o pai, Graciliano. E Ray-Gude Mertin, tradutora e agente, doce figura, brava mulher.

Saíram, muitos nem tiveram tempo de dizer adeus, até já, até breve. Então, chegou a vez de Moacyr Scliar, o gaúcho. Poucas vezes vi a morte de um escritor repercutir tanto, tão intensamente.

### “Era dos poucos escritores brasileiros que lia livros de outros companheiros”

Já se passaram duas semanas e continuo a ler na imprensa de todo o Brasil artigos dizendo adeus. Raras vezes vi um carinho e uma tristeza tão grandes em relação a um autor, num meio em que há (veladamente) exclusões, ciúme, alguma inveja, fofocas. Parece loucura, mas nunca vi ninguém alfinetar Moacyr. E olhem que foi autor sempre elogiado pela crítica, membro da ABL, para a qual foi eleito por unanimidade, viajando mundo, traduzido, vendido,

dominando auditórios, um médico culto e informado. Meu Deus, que prato!

Moacyr não bebia; um espanto. Nada, de nada. Por não gostar conseguia escrever, limpo, clean, como se diz nos filmes americanos. Não que nós todos somos borrachos, longe disso! Moacyr escreveu, porque tinha o que escrever, sempre foi cheio de histórias, trouxe para a sua literatura os temas e o humor judaicos, recolhia o País em torno dele, em alguns momentos aproximou-se de Jorge Luis Borges. Foi cronista de jornal, da revista *Seleções*, redigia ensaios, escrevia livros, viajava. Há quem diga que ele não dormia. Judith, sua mulher de toda uma vida, ri, nega, conta que ele escrevia o tempo inteiro, até no avião. Homem disciplinado, controlava o tempo. Foi o que Judith revelou a Guiomar de Grammont, organizadora do Fórum das Letras de Ouro Preto, que escreveu neste jornal, domingo passado, belíssima crônica, dizendo o que todos gostaríamos de ter dito. Emocionante memorabilia. Ali está o jeito simples de Scliar, sua não afetação, o homem tranquilo, preocupado com os outros, sua maneira gaúcha de falar, o tu sempre presente, seus encontros com leitores, estudantes e iniciantes.

O homem que nunca contava sobre o que estava escrevendo. A não ser talvez para os íntimos. Não me lembro de ter lido notícias sobre o que estava trabalhando. Quando a notícia chegava, ele já tinha terminado. Era dos poucos escritores brasileiros que lia livros de outros companheiros, sabia o que estava se passando, citava nomes em entrevistas (coisa rara). Participei dos entrevistadores do *Roda Viva* da TV Cultura, ano passado, quando ele estava no centro da conversa. Depois nos encontramos no Palácio do Governo, quando recebemos a Comenda da Ordem do Ipiranga. Não podia saber que estávamos nos despedindo. No coquetel, quando levantei a taça de Prosecco e ele ergueu o copo de suco, brindamos pela última vez na vida.

Quando fui a Porto Alegre no dia 20 de janeiro, ele já estava na UTI e tinha sofrido uma cirurgia seguida de um AVC. Estava sedado, assim permaneceu. Num sábado, final do dia, falei com Judith e ela se abriu, dolorida: “Moacyr deve partir entre agora e amanhã”. Na madrugada, Scliar se foi. Fará falta!

## Visuais. Lançamento



JF DIORIO/AE

**MARCO GIANNOTTI**  
**Gabinete de Arte Raquel Arnaud.** Rua Artur de Azevedo, 401, Pinheiros. Amanhã, das 11 às 15 horas

guardando ao pictórico a sua primazia – não existe um movimento de hibridização dos meios, vale ressaltar. Dessa maneira, na inclusão literal do mundo em suas pinturas realizadas com tempera, óleo e até spray, *Quadrantes*, iniciada em 2010, revela elementos “orgânicos” como galhos dentro de composições que, como diz o título da série, são estruturadas por quadrados como divisórias e ainda têm “imbricadas” tramas que são a transposição direta da imagem de grades – as de arame, em losangos – vindas de conjunto de trabalhos anteriores do artista que ele apresentou na mostra *ContraLuz*, em 2009, no Gabinete Raquel Arnaud. As telas de *Quadrantes*, que se referem ainda à “paisagem clássica” – ou janelas –, se estruturam no jogo entre o figurativo e o abstrato.

Mais ainda, luz e cor – de uma paleta predileta de tons mais “terrosos e profundos” e ainda de vermelhos, azuis esverdeados e o negro – não poderiam deixar de ser fundamentais nas composições que são feitas de camadas sobrepostas. “A riqueza de sua pintura radica-se precisamente no modo como consegue temperar formas e cores a partir do racional sem deixar escapar esse lugar poético que nasce de cada percepção única do espaço e de como o tempo se estende como pintura expandida, fissura na percepção”, escreve David Barro no texto *O Abismo de Um Tempo Expandido*, que abre a publicação (trilíngue – português/ espanhol/inglês) sobre o artista.

Apenas para a ocasião do lançamento do livro, amanhã, Marco Giannotti exhibe na galeria – que, ainda este mês, muda de endereço – uma grande seleção de pinturas, desenhos e fotografias revelando seu processo recente, de desde 2009 até 2011.

**Japão.** No fim do mês, Marco Giannotti parte para o Japão, onde ficará por um ano como professor-visitante da Universidade de Kyoto devido a um convênio da instituição com a Universidade de São Paulo (USP), em que o artista leciona. Como conta o pintor, a fotografia vai ser um meio importante nessa experiência no Oriente. “Estou interessado em fotografar o diálogo entre a arquitetura, dos templos e a moderna também, com as estações do ano.”

**Janelas.** O artista Marco Giannotti em seu estúdio, em São Paulo, ao lado de suas pinturas: tramas e elementos orgânicos nas camadas das composições

# OS QUADRANTES DE GIANNOTTI

Livro sobre o pintor destaca sua produção recente em que a fotografia é um meio de investigação

**Camila Molina**

“O tempo da pintura tem de ser respeitado”, diz com convicção o pintor paulistano Marco Giannotti. Curioso que recentemente ele tenha se lançado a novos caminhos dentro do seu repertório de questões, usando, agora, a fotografia como uma fonte de sua investigação. “Não quero me ver como fotógrafo – é o olhar pictórico que se transpõe para a linguagem”, afirma o artista, que lança amanhã, a partir das 11 horas, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud, o livro *Marco Giannotti* (Dardo, 112 págs., R\$ 40) justamente sobre o momento atual de sua trajetória, que ele considera ser o de um “pro-

cesso de maturação”. O volume destaca sua produção, principalmente, de 2009 até agora.

A fotografia tem um papel interessante nas recentes criações do artista, a percepção da “luz impregnada nos materiais, em tensão”, mas, inexoravelmente, é a pintura o campo de excelência de Giannotti em mais de 20 anos de carreira. Sendo assim, tão bem define no título de seu texto para o novo livro sobre o pintor o crítico Ronaldo Brito – *Um Olhar Lento, Outro Fluido* –, revelando uma equação intrínse-

ca e natural na pesquisa atual de Giannotti, que resultou na série de pintura *Quadrantes*. “Essas obras começaram quase como um diário, numa tentativa de aproximação e ampliação do contato com o mundo, de sair de uma linguagem árida em que estava minha pintura, de indagação”, diz o pintor, completando, ainda, que é papel do artista “fazer a crítica da imagem”.

Giannotti, enfim, trabalhou com a riqueza de lidar com duas “temporalidades” diferentes, a da fotografia e a da pintura, mas

### TRECHO

“Uma linguagem de pintura contemporânea que se move – sincera, consciente, ...

... quase compulsivamente – entre dois polos tão antagônicos quanto Mark Rothko e Andy Warhol, pelo menos declara com franqueza sua origem problemática, assume desde logo o dile-

ma de seu vir a ser. E, no entanto, do ponto de vista de um pintor culto, vocacional, nada mais lógico. Como escapar a Rothko, ao fascínio irresistível, que se quer perene, da mais intransigente entre todas as últimas das altas pinturas da tradição ocidental? E com permanecer imune a Andy Warhol, o soberano falso demiurgo das aparências, e isto até os nossos dias, depois de meio século?” (*Do texto do crítico Ronaldo Brito*)

